



## Práticas de cuidado de feirantes frente à pandemia da covid-19 na cidade de Riachão do Jacuípe, Bahia

Willians Henrique de Oliveira Santos<sup>1\*</sup> , Rita da Cruz Amorim<sup>2</sup> , Márcia Sandra Fernandes Santos de Lima<sup>3</sup> , José Raimundo Oliveira Lima<sup>4</sup> , Weslly Bernardes Oliveira<sup>5</sup> 

### RESUMO

Esse estudo teve como objetivos analisar as práticas de cuidado dos feirantes da cidade de Riachão do Jacuípe, Bahia na prevenção contra a COVID-19 e identificar os desafios destes trabalhadores para o cumprimento das medidas de prevenção à contaminação pelo novo coronavírus. A pesquisa realizada foi de natureza exploratória com método de abordagem qualitativa. Participaram 30 feirantes que trabalham na feira-livre da cidade de Riachão do Jacuípe, Bahia. Os dados foram coletados por meio de entrevista semiestruturada, com questões fechadas referentes à caracterização dos participantes e abertas para facilitar a contextualização das narrativas, entre os meses de janeiro a março de 2021, após aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual de Feira de Santana (CEP-UEFS), CAAE 39756920.8.0000.0053, parecer 4.484.59. Após a análise dos dados, alguns pontos foram observados como essenciais, a saber: 1) práticas de cuidado na feira-livre durante a pandemia; 2) desafios para realizar as práticas de cuidado na pandemia, com três subcategorias: lavagem das mãos e uso do álcool em gel a 70%, uso de máscara, e distanciamento entre feirantes e fregueses; 3) feira-livre como fonte de sobrevivência; 4) alterações na dinâmica da feira-livre durante a pandemia; 5) atuação dos órgãos públicos e associativos na feira-livre durante a pandemia. A emergência da COVID-19 modificou as práticas de cuidado dos feirantes da feira-livre da cidade de Riachão do Jacuípe, enfrentando os desafios do uso de máscara, álcool em gel a 70%, e também causou impactos negativos pela diminuição da renda e em alguns casos as reações alérgicas devido ao uso do álcool.

**Palavras-chave:** Novo Coronavírus, Feira-livre, Prevenção, Fregueses.

## Marketer's care practices against the covid-19 pandemic in the city of Riachão do Jacuípe, Bahia

### ABSTRACT

This study aimed to analyze the care practices of street vendors in the city of Riachão do Jacuípe, Bahia in preventing COVID-19 and to identify the challenges these workers face in complying with measures to prevent contamination by the new coronavirus. The research carried out was exploratory with a qualitative approach method. 30 street vendors, who work at the street market in the city of Riachão do Jacuípe, Bahia, participated.

<sup>1</sup> Graduado em Enfermagem, Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2851-5658>. \*Autor correspondente: [henrique.riachao.14@gmail.com](mailto:henrique.riachao.14@gmail.com).

<sup>2</sup> Doutora em Família na Sociedade Contemporânea, Universidade Católica do Salvador (UCSal). Docente Adjunta do curso de Enfermagem da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Feira de Santana, Bahia, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8782-2151>.

<sup>3</sup> Mestra em Enfermagem, Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Docente Assistente do curso de Enfermagem da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Feira de Santana, Bahia, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7685-1678>.

<sup>4</sup> Doutor e Pós-Doutor em Educação e Contemporaneidade, Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Docente Titular do curso de Ciências Econômicas, Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) e dos Programas de Pós-graduação em Planejamento Territorial (PLANTERR/UEFS), Programa de Pós-Graduação em Rede Nacional para Ensino das Ciências Ambientais (PROFCIAMB) e do Programa de Extensão Incubadora de Iniciativas de Economia Popular e Solidária (IEPS/UEFS) - Bolsista de Produtividade-CNPq, Feira de Santana, Bahia, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3646-307X>

<sup>5</sup> Graduado em Enfermagem, Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Enfermeiro Assistencial na Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares (EBSERH), Uberlândia, Minas Gerais. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0336-5190>.



The data were collected through semi-structured interviews, with closed questions referring to the characterization of the participants and open ones to facilitate the contextualization of the narratives between January and March 2021, after approval by the Research Ethics Committee of the State University of Feira de Santana (CEP-UEFS), CAAE 39756920.8.0000.0053, opinion 4.484.59. After analyzing the data, some points were observed as essential: 1) care practices at the street market during the pandemic; 2) challenges to carry out care practices in the pandemic, with three subcategories: hand washing and use of 70% alcohol gel, use of a mask, and distancing between vendors and customers; 3) street markets as a source of survival; 4) changes in the dynamics of the street market during the pandemic; 5) public agencies measures and associations at the street market during the pandemic. The COVID-19 emergency changed the care practices of street vendors at the street market in the city of Riachão do Jacuípe, facing the challenges of wearing a mask, 70% gel alcohol, and also caused negative impacts due to the decrease in income and, in some cases, allergic reactions due to alcohol use.

**Keywords:** New Coronavirus, Street market, Prevention, Customers.

## 1. INTRODUÇÃO

As feiras-livres são locais onde ocorrem manipulação dos produtos alimentícios e de outros gêneros, desde a escolha até a pesagem, bem como a circulação do dinheiro em espécie e configura-se como um ambiente de constante aglomeração, se tornando um espaço de atenção das autoridades de saúde durante a pandemia de COVID-19, assim faz-se necessário a adoção de medidas preventivas contra o novo coronavírus, como o uso adequado de máscara e protetor facial, a lavagem frequente das mãos com água e sabão, a utilização de álcool em gel a 70% e o distanciamento social (MARANHÃO, 2020). Tais medidas causam modificações drásticas na vida das pessoas e as adaptam a um novo modo de convivência, principalmente os trabalhadores da linha de frente, a exemplo dos feirantes.

A COVID-19 também trouxe impactos financeiros aos feirantes, principalmente nas cidades do interior da Bahia, a exemplo de Riachão do Jacuípe, visto que, muitas vezes a renda familiar depende exclusivamente das vendas nas feiras-livres, espaços onde são comercializados não somente gêneros alimentícios, mas também roupas, calçados, eletrônicos e outros produtos.

As deliberações dos órgãos governamentais para a prevenção da COVID-19 culminaram em normatizações de medidas de biossegurança para a prevenção da contaminação pelo novo coronavírus, a exemplo do afastamento das barracas, disponibilidade de pias, sabão e álcool em gel a 70%, dentre outras, o que modificou o cotidiano da feira-livre da cidade.

Em Riachão do Jacuípe foi notória a diminuição no número de pessoas na feira-livre, às sextas-feiras e sábados, dias de maior movimento, assim como a ausência ou escassez de alguns alimentos, principalmente aqueles comercializados por feirantes de outros municípios, que também se ausentaram da feira. A Fundação Oswaldo Cruz (2020) também ressaltou essa diminuição ao referir que a pandemia da COVID-19 ocasionou maior dificuldade ao acesso dos





bens imprescindíveis para a sobrevivência, como a alimentação, os medicamentos e o transporte.

A pandemia gerou impactos sociais, econômicos, políticos, culturais e históricos, atingindo diretamente o sistema de saúde do país (FIOCRUZ, 2020). Essa situação tem afetado a saúde física e mental de diversas pessoas, considerando a necessidade da adaptação a essa realidade nova, como o isolamento social, o medo do contágio, a perda de membros da família, agravado pela diminuição da renda e até mesmo do desemprego, o que acarretou em muitos casos insônia, irritabilidade, ansiedade e até mesmo problemas mais graves, como a depressão (ONU, 2020).

Esse estudo surgiu a partir da observação da feira-livre da cidade de Riachão do Jacuípe, Bahia, na qual percebermos que a Prefeitura adotou algumas medidas para o controle da transmissão do novo coronavírus, com destaque para a instalação de pias com torneiras para lavagem das mãos, instalação de grades no entorno da feira, para controlar o fluxo de pessoas e o distanciamento entre as barracas, bem como a aferição da temperatura de feirantes e fregueses. Entretanto, nos causou inquietação o uso incorreto da máscara pelos feirantes e frequentadores, guardando-a no bolso, ao invés de usá-la.

Frente ao exposto, emergiram as seguintes questões norteadoras: quais as práticas de cuidado adotadas pelos feirantes da cidade de Riachão do Jacuípe, Bahia, diante da pandemia da COVID-19? Quais os desafios dos feirantes à adesão das medidas de prevenção contra o novo coronavírus?

Tendo em vista, a importância do trabalho dos feirantes para a sociedade, é relevante desenvolver pesquisas relacionadas à COVID-19 junto a esse seguimento populacional para evidenciar suas práticas de cuidado na prevenção da contaminação e transmissão do novo coronavírus e a necessidade de manter ou aprimorar ações de educação em saúde junto a esses trabalhadores. Diante disso, o presente trabalho teve como objetivo geral: Analisar as práticas de cuidado dos feirantes da cidade de Riachão do Jacuípe, Bahia na prevenção contra a Covid-19 e como objetivos específicos: Descrever as práticas de cuidado dos feirantes para a prevenção da Covid-19 e Identificar os desafios destes trabalhadores para o cumprimento das medidas de prevenção à contaminação pelo novo coronavírus.

## **2. MATERIAIS E MÉTODOS**

Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa exploratória, cujo objeto de estudo foram as práticas de cuidado dos feirantes da cidade de Riachão do Jacuípe, Bahia para a





prevenção da contaminação pelo novo coronavírus. A cidade é o segundo município mais populoso da Região Metropolitana de Feira de Santana entre 16 municípios, com uma população estimada de 33.468 habitantes. Fica situada às margens do Rio Jacuípe e tem uma economia predominantemente voltada para a pecuária e agricultura, com destaque para os rebanhos bovino e suíno e a extração de fibra de sisal para exportação (RIACHÃO DO JACUÍPE, 2020; IBGE 2020).

O campo de estudo foi a única feira-livre da cidade, responsável por abastecer toda a zona urbana, os povoados e cidades circunvizinhas, que teve início no século XX, com a passagem de caixeiros viajantes e tropeiros com destino a Santo Antônio de Jacobina para negociar especiarias. Durante as enchentes do rio Jacuípe, impedidos de seguir viagem, ficavam no arraial até as águas baixarem. O comércio de animais perto do referido rio era o que aglomerava mais pessoas. Nos anos 40, por meio de um abaixo assinado de comerciantes e moradores ao prefeito, aconteceu a mudança da feira-livre das quintas-feiras para os sábados (SOARES, 2014).

A feira-livre ocorre de segunda a sábado, e alguns feirantes trabalham até aos domingos, sendo seu ápice às sextas-feiras e aos sábados. São cadastrados aproximadamente 187 feirantes, sendo 109 comerciantes de frutas e verduras, 14 farinha e goma de tapioca e 64 confecções em geral. Alguns feirantes são de cidades circunvizinhas e montam as suas barracas na referida cidade, somente aos sábados. Durante a pandemia houve a redução do número destes feirantes, ficando respectivamente 105 trabalhadores.

Participaram deste estudo 30 feirantes que trabalham na feira-livre da cidade. Os critérios de inclusão foram feirantes, independentemente do tipo de produto comercializado, maiores de 18 anos e que desejaram participar da pesquisa, e atuante na referida feira-livre há no mínimo um ano e meio. Os critérios de exclusão foram os feirantes com deficiência auditiva pela limitação do pesquisador para interpretação. Utilizamos os critérios de saturação dos dados, de acordo com (FONTANELLA; RICAS; TURATO, 2008).

Os dados foram coletados por meio de entrevista semiestruturada, com perguntas fechadas para a caracterização dos participantes e abertas para possibilitar as suas narrativas (LIMA; ALMEIDA; LIMA, 1999), após assinatura do TCLE, e anotações no diário de campo, nos meses de janeiro a março de 2021, na própria barraca dos feirantes por escolha dos mesmos, na ausência de fregueses, com duração média de 15 minutos. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual de Feira de Santana (CEP-UEFS), CAAE 39756920.8.0000.0053, sob número do parecer 4.484.591, conforme as Resoluções





466/12 e 510/16 que regulam as pesquisas com seres humanos (BRASIL, 2012; BRASIL, 2016).

Analizamos os dados por meio da técnica de análise temática. Inicialmente, realizamos o seu mapeamento; em seguida, exploramos o material a partir das transcrições e releitura dos relatos, organizamos e classificamos para determinar os conjuntos das informações presentes na comunicação; por fim, realizamos a interpretação dos dados obtidos e a análise final para estabelecer articulações entre os dados e os referenciais teóricos, para responder as questões de pesquisa, com base nos objetivos propostos (MINAYO et al., 2002).

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Referente à caracterização dos participantes, a idade variou entre 18 a 63 anos, 86,7% dos feirantes são naturais da cidade de Riachão do Jacuípe. No que diz respeito à raça/cor, 44% são negros, e 56% pardos. A maior parte referiu ter filhos e ser responsável por garantir o sustento da família. Quanto ao gênero, 70% são mulheres e a maioria dos participantes são casados. Em relação às doenças pré-existentes, uma é asmática, três são hipertensas e uma diabética.

O tempo de trabalho como feirante variou entre um 1 ano e meio a 40 anos, e 25 feirantes afirmaram não possuir outra atividade remunerada, sendo a feira-livre o seu único meio de sobrevivência. Também, 40% trabalham seis dias por semana na referida feira-livre, com ajuda de outra pessoa. Quanto aos produtos comercializados, 76,7% vendem frutas e verduras, 16,7% confecções, 3,3% temperos e 3,3% utensílios domésticos.

Se referindo à renda mensal, a maioria afirmaram que antes da pandemia recebiam até um salário mínimo, e 96,7% mencionaram que durante o período pandêmico tiveram diminuição da renda mensal. Em relação à pandemia, 43,3% mencionaram que apresentaram familiares infectados pelo novo coronavírus e uma feirante contraiu a COVID-19.

#### 3.1 Práticas de cuidado na feira-livre durante a pandemia

Na feira-livre do estudo, alguns feirantes praticam as medidas de biossegurança recomendadas, durante o trabalho utilizam até duas máscaras, e as trocam de acordo com a necessidade, assim como se distanciam dos fregueses, conforme as falas abaixo:

[...] higienização usando álcool em gel, luvas [...] máscara de tecido, uso duas [...] uma de manhã pra meio dia e outra à tarde, quando pego em dinheiro [...] uso o álcool e dou [...] para o cliente [...] eu costumo ir lavar as mãos [...]. (Antúrio).





[...] mantenho distanciamento dos clientes, peço [...] para se afastarem [...] a máscara de tecido, mudo [...] com a necessidade, [...] uma [...] dá pra trabalhar o dia todo, mas [...] se tiver molhada [...] de suor, eu troco, na maioria do tempo estou de máscara, [...] quando estou só na barraca, tiro e tomo um arzinho [...] na medida do possível vou lá e lavo as mãos, de acordo a necessidade e sempre tô batendo um alcoolzinho na mão, sempre lavo as mãos nas pias que a prefeitura colocou, [...] sempre que suja, eu vou lá [...]. (Monsenhor).

Também realizam cuidados com os materiais de trabalho, entre esses, as barracas, bacias e as mercadorias, como destacado nas falas abaixo:

[...] colocamos álcool em gel em algumas frutas, e quando os clientes chegam nós barrufamos álcool nas sacolas, [...] as barracas costumamos limpar todo final de semana, com remédios para baratas [...] Qboa, [...]. (Antúrio).

todo dia de sábado tiro as lonas, varro, quando chega quarta-feira limpo [...] com Qboa e água, [...] as bacias eu limpo com Qboa, [...] uma vez por semana [...] (Monsenhor).

Com a pandemia de COVID-19 se tornou imprescindível a adoção de medidas preventivas no trabalho na feira-livre, cabendo ao feirante ter disponível álcool em gel a 70% para higienização das suas mãos e dos fregueses, usar máscaras e evitar abraços ou apertos de mão. Reduzir os anúncios verbais das mercadorias que estão à venda e evitar oferecer bancos para os fregueses sentarem, o que reduzirá o tempo de permanência na feira-livre. Além do mais, os fregueses devem ser orientados a manter o distanciamento social, evitar tocar nos alimentos, e higienizar as mãos e os produtos antes de serem consumidos (MARANHÃO, 2020). Também, cabe ao feirante higienizar as bandejas, bacias, a sua barraca, bancas, balcões e a balança, dentre outras medidas (ESPÍRITO SANTO, 2020).

### **3.2 Desafios para realizar as práticas de cuidado na pandemia**

Na pandemia as práticas de cuidado sofreram transformações para toda a população, em especial para os trabalhadores na linha de frente, a exemplo dos feirantes que precisaram introduzir alguns cuidados no seu cotidiano para evitar a transmissão do novo coronavírus, como a lavagem das mãos com maior frequência; o uso de máscara durante o trabalho na feira-livre; distanciamento social, inimaginável na feira-livre, por ser um espaço que proporciona encontro entre feirantes e fregueses. Assim, as práticas de cuidado referenciadas para o combate à pandemia da COVID-19 se tornaram um desafio para os feirantes de Riachão do Jacuípe, devido à falta de condições na própria feira-livre, como ressaltadas a seguir.

#### **Lavagem das mãos e uso de álcool em gel a 70%**

A higienização das mãos com água e sabão é uma ação realizada em muitos locais por ser capaz de eliminar sujidades que podem comprometer a saúde e causar doenças, como a





COVID-19. Durante a pandemia causada pelo novo coronavírus, essa foi uma das medidas mais recomendadas pelas autoridades de saúde, visto que consiste em um método simples e econômico (BRASIL, 2020b).

Na feira-livre é imprescindível a lavagem das mãos, visto que os fregueses circulam entre as barracas e tocam nos alimentos para se certificarem da condição em que estes se encontram e assim efetuar a compra, o que pode proporcionar contaminação. Considerando tais características, destacamos a importância da educação em saúde, bem como a oferta de materiais e equipamentos em pontos estratégicos, para estimular a realização deste procedimento higiênico pelos frequentadores da feira e pelos próprios feirantes.

Observamos que a Prefeitura Municipal da cidade do estudo, desde o início da pandemia, instalou pias com disponibilidade de água corrente, e sabão líquido para a lavagem das mãos. Assim, os feirantes que trabalham mais próximos a estes equipamentos relatam facilidades para lavar as mãos e destacam sua importância, conforme fragmentos de falas, abaixo:

[...] minha salvação é essas pias, porque eu vou lá [...] e lavo minhas mãos, ou então [...] eu pego um vaso e coloco a água de lá [...] coloco detergente [...]. (Celósia).

[...] eu tou lavando a mão o tempo todo, peguei em dinheiro da mão dos fregueses, vou lá e lavo as mãos na pia que a Prefeitura colocou aqui do lado [...]. (Jade).

As autoridades de saúde orientam a lavagem das mãos com água e sabão, frequentemente, por pelo menos 20 segundos, de maneira adequada e na ausência destes produtos, deve-se utilizar antisséptico a base de álcool em gel a 70% (ESPIRITO SANTO, 2020).

Por outro lado, os feirantes que possuem suas barracas afastadas do local onde foram instaladas as pias, relatam dificuldades para lavar as mãos, devido à distância, referindo preguiça, falta de tempo e oportunidade; alguns trabalham sozinhos e para se locomoverem até o local, precisam deixar a barraca, causando atrasos em sua rotina de trabalho e até prejuízo financeiro, conforme relatos a seguir:

[...] o que interfere de eu ir lavar é a preguiça e o tempo [...] eu tou aqui e penso de lavar, às vezes chega fregueses e [...] eu nunca vou [...]. (Ametista).

[...] nas pias eu não vou lavar não [...] está longe pra gente, se fosse mais perto eu iria, não vou por causa do movimento dos fregueses, não temos tempo de está saindo [...]. (Cerejeira).

Apesar de reconhecerem a importância do uso do álcool em gel a 70%, os feirantes relatam diversos desafios que inviabilizam a sua utilização, tais como a realização de diversas





atividades, executadas muitas vezes por um único indivíduo, renda oscilante, que dificulta a compra deste produto devido ao seu elevado custo durante a pandemia, sendo necessário comprar vários litros por semana, devido ao alto consumo pelo feirante e pelos fregueses, conforme destacado nas falas abaixo:

[...] o correto depois que recebe o dinheiro [...] do freguês era passar o álcool em gel, [...] não conseguir [...] aqui a gente faz tudo, pega no dinheiro, abre a sacola, passa o troco, tá pesando, tá arrumando [...] tá cortando mercadoria [...] infelizmente não consigo [...]. (Monsenhor).

[...] o álcool é caro, toda semana tenho que comprar um álcool [...]. (Oncidium).

[...] álcool em gel [...] gasta demais, se colocar um frasco na barraca, gasta [...] em um dia [...] o povo toda hora quer. (Ametista).

O álcool a 70% é um dos produtos imprescindíveis no combate ao novo coronavírus, pois em apenas 30 segundos em contato com as mãos ou outra superfície que deseje higienizar, apresenta potente ação contra fungos e muitos tipos de vírus (BRASIL, 2020c). Para além desses usos na feira-livre, o álcool a 70% e a água sanitária podem ser utilizados para a desinfecção das balanças, bancadas e dos recipientes utilizados para a escolha dos produtos (SENAR, 2020).

Além dos fatores econômicos e relacionados ao tempo, outros motivos são alegados para a não utilização dos produtos que ajudam na prevenção da contaminação pelo novo coronavírus, como reações alérgicas e falta de hábito, conforme destacado nas falas abaixo:

[...] não posso nem usar muito por causa da alergia [...] quando passo o álcool uso logo o hidrante nas mãos [...] ficam muito ressecadas [...]. (Gardênia).

[...] eu tenho rinite alérgica [...] até pra lavar a máscara às vezes o cheiro dos produtos me incomoda e irrita [...]. (Antúrio).

[...] não tenho costume de limpar as barracas, o tempo é muito curto, isso aí não vou dizer [...] porque nunca fiz. (Frésia).

Percebemos que na prática essas medidas não são simples de serem realizadas, visto que alguns feirantes trabalham sozinhos, apresentam reações aos produtos e intensificam alguns sintomas de doenças pré-existentes.

Existem fatores que dificultam a higienização das mãos com o álcool em gel, entre os quais, o cheiro forte e a sensação de mãos pegajosas; também podem ocorrer dermatites de contato, causadas por hipersensibilidade ao álcool ou outros aditivos presentes em sua formulação. Ademais, o uso frequente do álcool nas mãos, pode provocar ressecamento, sendo necessário adicionar emolientes, umectantes ou outro agente hidratante na sua formulação, para cessar o ressecamento das mãos (AZEVEDO et al., 2020).





## **Uso de máscara**

A máscara é uma medida de prevenção eficiente e recomendada contra a contaminação pelo novo coronavírus, pois age como uma barreira física, se tornando indispensável no contexto atual. Existem vários tipos, sendo que a de tecido possui um custo financeiro baixo, podendo ser adquirida pela maioria da população (BRASIL, 2020a).

Embora os feirantes refiram saber sobre a importância do uso da máscara, justificam sua retirada pelo incômodo do uso contínuo. Observamos que alguns trabalhadores não usavam a máscara, especialmente no turno vespertino, justificando o calor intenso. Vale ressaltar que trabalham sob cobertura quente, como as lonas e telhas de fibrocimento, o que aumenta a temperatura e reforça suas justificativas para não usar esse Equipamento de Proteção Individual (EPI), como revelam as falas abaixo:

[...] a máscara me incomoda [...] sempre tiro pra eu respirar [...] acho importante utilizar [...] para livrar do vírus, para evitar que eu não contraia e também esteja passando [...]. (Jade).

[...] no início [...] foi difícil se acostumar, no tempo quente fica muito ruim [...] acho importante usar a máscara [...] eu tenho contato com minha mãe e com meu filho [...] é criança [...]. (Alpinea).

Percebemos também que os fregueses nem sempre usam máscara na feira-livre e inexistente supervisão e orientação para garantir a adoção das medidas preventivas, o que aumenta o risco de exposição e de transmissão por esses trabalhadores.

Para que essas medidas de prevenção sejam seguidas corretamente pelos feirantes, além da educação em saúde, é imprescindível que haja supervisão, pois em conformidade com Silva (2009), quando o supervisor realiza a observação direta, poderá encontrar formas de intervir. Desse modo, se órgãos competentes do município realizarem supervisão de forma contínua das práticas de cuidado, poderá identificar possíveis erros, e assim orientar de maneira adequada, visando garantir um trabalho seguro, com menos exposição ao novo coronavírus.

Além do mais, o estudo de Silva e colaboradores (2022) demonstrou que algumas pessoas sentiram dificuldades e desconforto em utilizar a máscara durante a pandemia do novo coronavírus. Também, Santos (2022) afirma que alguns feirantes tiveram que encarar diversas dificuldades para cumprir os protocolos recomendados de prevenção contra a COVID-19.

## **Distanciamento entre feirantes e fregueses**

Na feira-livre, principalmente em cidades do interior, como a desse estudo, onde praticamente todos se conhecem, se torna comum o vínculo e o acolhimento entre o feirante e o freguês, o que favorece a compra nas mesmas barracas, geralmente devido aos produtos de qualidade, preço acessível, afeto e conversas sobre a vida cotidiana.





Os feirantes relatam dificuldade em manter o distanciamento dos fregueses durante a pandemia e evitam abraços e aperto de mãos, para reduzir a disseminação do novo coronavírus. Dessa forma, muitos adotaram as novas formas de cumprimento como o toque de cotovelos, apesar de outros ainda continuarem abraçando e pegando na mão, conforme referido nos fragmentos abaixo:

[...] antes eu pegava na mão dos fregueses, hoje é só o toque de cotovelo mesmo [...], oi, oi, não pego mais na mão [...]. (Delfim).

[...] eu abraçava muito os fregueses, pra acostumar é uma coisa difícil, se afastar, aquele hábito que você tinha de chegar de junto do cliente. (Oncidium).

[...] eu sempre tenho o costume de abraçar [...] alguns eu ainda pego na mão e abraço [...] esses [...] eu acho que não está contaminado [...] e também o afeto, que sempre aconteceu [...] sempre se cumprimentamos [...]. (Ametista).

Observamos que a pandemia da COVID-19 afetou de modo negativo a troca de afetos entre as pessoas. No caso da feira-livre, um espaço de encontros semanais, que feirantes e fregueses se encontram não somente para a compra e venda de produtos, mas também para reforçar as trocas afetivas, assim podendo acarretar prejuízos sociais e emocionais.

A pandemia da COVID-19 pode corroborar para o aumento da ansiedade e do estresse, pois as pessoas tiveram que se adequar ao isolamento social, e assim se afastar dos seus amigos e familiares, além das mudanças nas rotinas de trabalho e até desempregos, e das experiências traumáticas associadas à infecção e morte de parentes e amigos próximos. Esses aspectos destacados elevam o risco para o desenvolvimento ou agravamento de transtornos mentais já existentes (BRASIL, 2021).

### **3.3 Feira-livre como fonte de sobrevivência**

Segundo Carvalho e Aguiar (2017, p. 61), “o trabalho informal se configura como uma alternativa para o desemprego”, sendo assim, as feiras-livres são imprescindíveis para manter o sustento dos feirantes. Diante disso, o trabalho na feira-livre, muitas vezes torna-se a única maneira de garantir o “ganha pão” da maioria dos feirantes participantes deste estudo, conforme relatado a seguir:

[...] nesse período que fiquei sem montar a barraca [...] prejudicou, se é a minha fonte de renda e de sobrevivência [...]. (Eremurus).

[...] não deixo de vim porque essa é a minha renda, não tem como sair, tem que ficar. (Oncidium).

[...] é o meu trabalho, tenho que enfrentar para ganhar o pão de cada dia. (Frésia).





Por outro lado, os feirantes que apresentavam doenças crônicas, como Hipertensão Arterial, Diabetes Mellitus e Asma, continuaram trabalhando por não terem outra fonte de renda, como relata a feirante a seguir:

[...] tenho diabetes e hipertensão e [...] continuei trabalhando, [...] eu vou viver de que [...] se eu não trabalhar? [...] eu vou morrer de fome! Pagar meus débitos como? Assim mesmo eu trabalhando [...] não dá direito pra eu pagar minhas contas [...] minha filha fica falando [...] sai da barraca a senhora é diabética e hipertensa, se [...] pegar essa doença [...] vai morrer [...] e aí eu falo eu vou sobreviver como meu amor? [...] se eu [...] tivesse meu dinheirinho, eu jamais estaria aqui trabalhando, eu tava em casa, mas a precisão é que faz eu vim, [...] fazer o que [...]. (Centáurea).

O isolamento social é uma das medidas imprescindíveis para evitar a disseminação do novo coronavírus, devendo ser seguido de forma mais rígida pelas pessoas com doenças crônicas e seus contactantes (MARANHÃO, 2020).

As pessoas que se enquadram no grupo de risco, possuem mais chance de desenvolverem a forma grave da doença, sendo assim, as autoridades de saúde reforçam que cabe ao feirante, familiar ou colaborador que se enquadrar no grupo de risco ou apresentar quaisquer sintomas do novo coronavírus permanecer em casa e deixar de participar da feira (MARANHÃO, 2020). Porém, para os trabalhadores informais, é necessário o fornecimento de benefícios sociais pelos órgãos públicos para a manutenção das suas necessidades básicas.

### 3.4 Alterações na dinâmica da feira-livre durante a pandemia

A pandemia do novo coronavírus acarretou impactos em todos os setores da sociedade. Na feira-livre, os impactos que mais se destacaram foram os relacionados ao fornecimento das mercadorias, na renda e nas reações dos fregueses.

No que se refere ao fornecimento das mercadorias, a adoção de barreiras sanitárias em diversos estados do Brasil, para prevenir a disseminação do novo coronavírus foi um desafio para o abastecimento de produtos, tornando difícil a compra e a venda, o que impactou também nas feiras-livres, como destacam as falas abaixo:

[...] alguns fornecedores ficaram proibidos de trazer mercadoria até Riachão. (Monsenhor).

[...] dificultou mais pra ir buscar, [...] compro as mercadorias fora nem sempre a pessoa tá podendo ir lá fazer a compra e também não tem como tá trazendo [...] no início da pandemia muita gente deixou de trabalhar transportando as mercadorias [...]. (Tulipa).

Devido ao avanço do número de pessoas com COVID-19, foram adotadas algumas medidas no Brasil, entre as quais o fechamento temporário de terminais rodoviários interestaduais e intermunicipais em diversas cidades da Bahia, como Salvador, Feira de Santana





e outras (BAHIA, 2020). Sendo assim a maioria dos feirantes deste estudo, necessitam se locomover para outras cidades circunvizinhas para comprar as suas mercadorias, em meio a essas restrições, os mesmos ficaram impossibilitados de se deslocarem.

A pandemia também afetou drasticamente a renda dos feirantes, pois alguns se ausentaram da feira-livre por terem contraído a COVID-19, ou por medo da contaminação e transmissão às pessoas da família, já que convivem com crianças ou pessoas idosas e com doenças crônicas, conforme as falas abaixo:

[...] eu fiquei sem colocar a barraca [...] quase dois meses [...] os casos começaram a se agravar aqui [...] aí evitei um pouco, pois eu tenho filho criança [...] nesse período [...] trabalhei pintando casas, mas [...] até isso parou [...] a feira parou e é de onde eu tiro a minha renda [...] tirei o dinheiro da poupança para sobreviver, minha renda antes [...] era uns mil e poucos, [...] caiu bastante, [...] sinceramente minha renda mensal hoje é seiscentos por mês. (Gardênia).

[...] esse período que fiquei afastada o dinheiro fez falta, como fez, eu só tenho isso pra sobreviver, fez falta pra pagar uma água, uma luz, um botijão e até pra comprar um pão para tomar café. (Cravina).

Além da diminuição da renda, os feirantes referiram que a situação fica mais difícil devido ao aumento do preço das mercadorias e a diminuição do número de fregueses, o que impacta nas vendas, como destacado abaixo:

[...] ficou complicado, [...] ficou tudo caro, se eu falar pra você aqui, x ficou barato, mentira, [...] está sendo difícil para o pobre sobreviver [...] eu compro em menor quantidade [...]. (Gardênia).

Outros fatores que favoreceram a alteração da renda dos feirantes foi diminuição do número de fregueses. Além disso, a sazonalidade também contribui para aumentar o preço das mercadorias, o que agrava a situação. Estes aspectos são destacados nos fragmentos abaixo.

[...] minhas vendas diminuíram, [...] as pessoas ficaram com medo de vim [...] verdura é assim, [...] tem período que está mais caro [...] vai pela estação, [...] tem semanas que eu compro mais [...] mas nesse período [...] me deixa muito duvidosa, com medo dos fregueses não virem [...] por causa da pandemia [...] eu tenho [...] fregueses fixos que até hoje não apareceram aqui, [...] minha renda caiu bastante [...]. (Amarilis).

[...] fracou bastante, a gente tá lutando pra conseguir o pão de cada dia [...] está tudo mais caro [...] a castanha, [...] o camarão [...] o saco do amendoim custava \$100,00 e hoje na pandemia custa \$260,00, [...] antes eu vendia por semana cinco sacos de amendoim e hoje eu só vendo um saco [...]. (Jade).

[...] tou pegando em menor quantidade [...] as coisas tão mais caras, aí não tem como a gente comprar mais e se comprar eu perco, [...] não vendo, os meus fregueses diminuíram bastante [...] às vezes a gente tem até prejuízos por causa disso [...]. (Centáurea).

Diante desses aspectos, o aumento nos preços dos alimentos ocorreu devido à alta demanda desde o início da pandemia, pois os consumidores começaram a estocar os alimentos





por medo do risco de ficarem desabastecidos (EPAGRI, 2020). Houve também no mesmo período uma inflação de custos devido ao aumento dos preços dos combustíveis que foram repassados para as mercadorias.

Os feirantes que comercializam utensílios, como painéis, talheres, vasos plásticos, foram os mais prejudicados nos meses iniciais, pois as mercadorias comercializadas não foram caracterizadas como essenciais, e a montagem de suas barracas foi suspensa pelos órgãos públicos. Para aqueles que comercializam confecções, o impacto foi ainda maior, principalmente pela suspensão dos festejos juninos, tradicionais na Cidade, e outros eventos. Outro aspecto importante também foi o desenvolvimento de outras atividades para garantir o sustento da família devido a impossibilidade de montarem suas barracas, como destacado nos fragmentos abaixo:

[...] São João, Réveillon, [...] como não tá tendo [...] não vai tá comprando roupas [...] a feira no sábado, [...] tinha bastante movimento, vinha pessoas de fora, de Nova Fatima, Serra Preta, Gavião, [...] passavam no comércio [...] de Riachão e compravam e agora não aparecem mais [...]. (Frésia).

[...] não vendo quase nada [...] eu senti dificuldade [...] nesse período que não coloquei barraca, minhas mercadorias ficaram guardadas, as contas que eu tinha para pagar eu fui pagando com o dinheiro dos meus produtos que eu vendo em casa, mas me prejudicou muito com o fechamento da minha barraca. (Estácia).

A pandemia do novo coronavírus expôs os trabalhadores informais a limites de fragilidades, agravando suas condições sociais, já desfavoráveis. Devido à necessidade de adoção do isolamento social pela população, os feirantes de produtos não essenciais, ficaram impedidos de continuar suas atividades. Dessa maneira, o auxílio emergencial contribuiu significativamente, para suprir as necessidades básicas desses trabalhadores e assim garantir a sua sobrevivência (SILVA; OLIVEIRA; CARRIAS, 2020; ARAÚJO; BRANDÃO, 2021).

Todavia, algumas pessoas se depararam com atrasos e burocracia para o recebimento do auxílio emergencial, devido à existência de pendências na entrega das declarações do imposto de renda, bem como com a justiça eleitoral, pela presença de dados incompletos ou incorretos no sistema da Receita Federal e por ter deixado de participar de alguma eleição e não ter justificado o voto (PSB, 2020).

Em virtude das mudanças mencionadas, houve aumento dos preços das mercadorias e devido a isso, muitos fregueses reclamam, diminuem ou desistem da compra, conforme as falas abaixo:

[...] os fregueses se assustam, falam que está [...] um absurdo [...]. (Cerejeira).





[...] Claro que eu repasso o aumento para os fregueses, eles falam que tá caro: “avemaria como aumentou” [...]. (Cristal).

[...] quando aumenta repasso para os fregueses, eles reclamam e muito [...] pensam que a gente tá se aproveitando [...]. (Oncidium).

[...] repasso o aumento para os fregueses e eles reclamam, falam que a gente está roubando [...]. (Jade).

A escassez e o aumento do preço dos produtos favorecem a diminuição do poder de compra dos fregueses, o que gera reclamação, porém, o não repasse do preço pode agravar a situação econômica dos feirantes.

### **3.5 Atuação dos órgãos públicos e associativos na feira-livre durante a pandemia**

A Secretaria de Agricultura e Desenvolvimento juntamente com a Prefeitura da cidade de Riachão do Jacuípe adotou medidas para favorecer a prevenção da disseminação do novo coronavírus na feira-livre, dentre as quais, instalação de pias com sabão líquido próximo à feira-livre para a lavagem das mãos; aferição de temperatura dos feirantes e fregueses e o afastamento das barracas. Além disso, o Serviço Nacional de Aprendizagem Rural – SENAR desenvolveu ações por meio do projeto “FEIRA SEGURA”. Os feirantes ressaltaram a participação em um curso sobre técnicas de manipulação dos alimentos e cuidados necessários no contexto da pandemia, além de terem sido submetidos aos testes rápidos para detecção da contaminação, conforme fragmentos abaixo:

[...] tivemos um curso, [...] veio essa empresa e fez [...] de como se prevenir, [...] fizemos testes ainda, passaram [...] orientações para executarmos no dia a dia aqui, [...] utilizar bandejinhas, [...] com plásticos filmes [...] foi bem válido (Monsenhor).

Teve um curso para os [...] associados, [...] orientaram a [...] armazenar e cobrir os alimentos com papel filme, deram uns pratinhos descartáveis [...] para colocar os alimentos e enrolar pra vender, [...] deu pra usar umas três semanas [...]. (Diamante).

[...] o distanciamento das barracas foi o pessoal da prefeitura mesmo que fizeram, [...] já cheguei aqui no outro dia já estava [...] afastado [...]. (Cravina).

Alguns feirantes também relatam que receberam orientações na própria barraca, durante o trabalho,

[...] vieram diretamente na barraca, mediram a temperatura, orientaram a lavar as mãos, usar o álcool em gel e manter o distanciamento. (Falaenopolis).

[...] passaram uns dias aqui, [...] no começo da pandemia, de barraca em barraca [...] informaram para [...] tomar cuidado por causa da doença, orientaram a lavar as mãos e usar o álcool em gel [...]. (Jade).

[...] logo no início da pandemia o pessoal [...] vinha aqui e media a [...] temperatura e aí distribuíram uns folhetos, [...] tinha as orientações [...]. (Ametista).





A educação em saúde no próprio local de trabalho pode contemplar um maior número de trabalhadores, desse modo, economizar o tempo e a perda das vendas dos feirantes. Também, de acordo com Silva Junior e colaboradores (2015), a educação pode gerar oportunidades de reflexão, promovendo mudanças de costumes, constituindo-se um dos pilares da promoção da saúde.

Todos os participantes referem que não receberam dos órgãos públicos, nenhum material para a proteção individual necessário, especialmente o álcool em gel, o que dificultou a adesão ao cumprimento de algumas medidas de prevenção, devido à instabilidade financeira para a aquisição de tais produtos e equipamentos, como destacado nos fragmentos abaixo:

[...] em nenhum momento [...] recebi nada de prefeitura [...] eles poderiam vê isso e está dando, [...] é muito caro [...]. (Centaurea).

[...] se a prefeitura desse um álcool em gel [...] às vezes a gente não tem dinheiro para comprar, é caro [...] quem vive de barraca é uma aventura [...] às vezes a gente não vende [...]. (Astromélia).

Além das orientações fornecidas aos feirantes, a Secretaria de Saúde da cidade de Riachão do Jacuípe, durante a pandemia orientou a população por meio de entrevistas em rádios locais, informando acerca da importância de manter o isolamento social, utilização das medidas de prevenção, como o uso da máscara ao sair de casa, lavagem das mãos e uso do álcool em gel.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pandemia do novo coronavírus acarretou mudanças drásticas na vida dos trabalhadores da linha de frente, desse modo, este estudo evidenciou que os feirantes da cidade de Riachão do Jacuípe, apresentaram impactos negativos em sua renda mensal, visto que o número de fregueses foi reduzido, e alguns feirantes tiveram que se ausentar do trabalho por um período, por comercializarem produtos que não fazem parte do gênero alimentício, assim como, devido ao medo de se contaminarem com a doença, e por conviverem com pessoas que fazem parte do grupo de risco.

Observamos que alguns feirantes se previnem adequadamente durante o seu trabalho na feira-livre, utilizando a máscara, realizando a lavagem das mãos, e se distanciando dos clientes. Entretanto, esses trabalhadores vivenciaram diversas dificuldades para o cumprimento dessas medidas de prevenção, como o incômodo em usar a máscara, o custeio elevado do álcool em gel a 70%, assim como, as reações alérgicas devido ao uso do álcool, e até mesmo a distância dos locais onde foram instaladas as pias para a lavagem das mãos.





Os resultados desse estudo possibilitarão aos feirantes, aos poderes públicos local e estadual, aos estudantes, profissionais da saúde e à sociedade, conhecerem acerca das práticas de cuidado dos feirantes para a prevenção da COVID-19, por meio das vozes dos mesmos, e dessa forma, direcionar as ações para o fortalecimento das práticas de cuidado, visando a prevenção da contaminação pelo novo coronavírus.

Salientamos a importância da presença dos órgãos públicos junto a esse seguimento populacional, visando melhorias nas condições de trabalho e cuidado. Assim como, incentivo por parte desses órgãos, visto que alguns feirantes não possuem condições de estarem custeando continuamente algumas medidas de prevenção recomendadas pelos Órgãos de Saúde.

Esse estudo atingiu os objetivos propostos, visto que analisou as práticas de cuidado e os desafios enfrentados no contexto de pandemia na feira-livre de Riachão do Jacuípe. Porém, apresenta limitações por ter sido realizado em um momento fora do pico da pandemia, após modificações do agravamento com a vacinação em curso, o que promoveu mudanças no contexto e nos comportamentos das pessoas, nesse caso dos feirantes do estudo.

Sugerimos novos estudos acerca das práticas de cuidado dos feirantes na pandemia da COVID-19, em outros contextos além da feira-livre, uma vez que apesar dos avanços na vacinação ainda estamos vivenciando um contexto pandêmico.

## 5. REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Iara Soares; BRANDÃO, Viviane Bernadeth Gandra. Trabalho e renda no contexto da pandemia de covid-19 no Brasil. **Rev. Práxis**, Novo Hamburgo, v. 18 n. 2, p. 96-111, 2021. DOI: <https://doi.org/10.25112/rpr.v2i0.2545>. Acesso em: 03 de set. 2020.

AZEVEDO, Arimatéia Portela. *et al.* Ocorrência de reação cutânea adversa durante a higienização das mãos. **Rev. Braz. J. Hea**, Curitiba, v. 3, n. 3, p. 6562-6578, 2020. DOI: <https://doi.org/10.34119/bjhrv3n3-202>. Acesso em: 10 de nov. 2021.

BAHIA. **Entenda o decreto que determina fechamento de cinco terminais rodoviários e proíbe circulação de ônibus na RMS**. 2020. Disponível em: <http://www.bahia.ba.gov.br/2020/03/noticias/governo/entenda-o-decreto-que-determina-fechamento-de-cinco-terminais-rodoviarios-e-proibe-circulacao-de-onibus-na-rms/>. Acesso em: 10 de ago. de 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Saúde mental e a pandemia de covid-19**. 2021. Disponível em: <https://bvsmms.saude.gov.br/saude-mental-e-a-pandemia-de-covid-19/>. Acesso em: 14 de dez. de 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 466 de 12 de dezembro de 2012. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 2012. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>. Acesso em: 08 de ago. 2020.

BRASIL. Resolução nº 510 de 7 de abril de 2016. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília: DF, n.





98, 2016. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>. Acesso em: 09 de ago. 2020.

BRASILa. Ministério da Saúde. **Máscaras caseiras podem ajudar na prevenção contra o coronavírus.** 2020. Disponível em: <https://www.saude.gov.br/noticias/%20agencia-saude/46645-mascaras-caseiras-podemajudar-na-prevencao-contra-o-coronavirus>. Acesso em: 06 de jul. 2020.

BRASILb. Ministério da Saúde. **Coronavírus covid-19 o que você precisa saber.** 2020. Disponível em: <https://coronavirus.saude.gov.br/>. Acesso em: 03 de jun. 2020.

BRASILc. Ministério da Educação. **Doença pelo novo coronavírus.** Nota Técnica Institucional. 2020. Disponível em: <https://www2.ufjf.br/noticias/wp-content/uploads/sites/2/2020/04/nota-tecnica-gte-antissepticos-regina.pdf>. Acesso em: 01 de jan. 2022.

CARVALHO, Jakeline de Jesus; AGUIAR, Maria Geralda Gomes. Qualidade de vida e condições de trabalho de feirantes. **Rev. Saúde Coletiva da UEFS**, Feira de Santana, v. 7, n. 3, p. 60-65, 2017. DOI: <https://doi.org/10.13102/rscdauefs.v7i3.1943>. Acesso em: 06 de jun. 2020.

EMPRESA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA E EXTENSÃO RURAL DE SANTA CATARINA (EPAGRI). **Artigo:** Os efeitos da pandemia no preço dos alimentos. 2020. Disponível em: <https://www.epagri.sc.gov.br/index.php/2020/09/08/artigo-os-efeitos-da-pandemia-no-preco-dos-alimentos/#:~:text=A%20pandemia%20provocada%20pela%20Covid,nos%20pre%C3%A7os%20locais%20dos%20alimentos>. Acesso em: 10 de fev. 2020.

ESPIRITO SANTO. **Feiras Livres.** Orientações para a prevenção do novo coronavírus. 2020. Disponível em: [https://seag.es.gov.br/Media/seag/Importacao/CARTILHA\\_FEIRAS\\_2020-2.pdf](https://seag.es.gov.br/Media/seag/Importacao/CARTILHA_FEIRAS_2020-2.pdf). Acesso em: 10 de jan. 2021.

FONTANELLA, Bruno José Barcelos; RICAS, Janete; TURATO, Egberto Ribeiro. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, n. 24, p. 17-27, 2008. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2008000100003>. Acesso em: 02 de jul 2020.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ (FIOCRUZ). **Impactos sociais, econômicos, culturais e políticos da pandemia.** 2020. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/impactos-sociais-economicos-culturais-e-politicos-da-pandemia#:~:text=Impactos%20sociais%2C%20econ%C3%B4micos%2C%20culturais%20e%20pol%C3%ADticos%20da%20pandemia,-A%20pandemia%20de&text=Este%20eixo%20do%20Observat%C3%B3rio%20Covid,e%20%22%C3%89tica%20e%20bio%C3%A9tica%22>. Acesso em: 10 de fev. 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Riachão do Jacuípe.** 2020. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/riachao-do-jacuipe/panorama>. Acesso em: 07 de fev. 2020.

LIMA, Maria Alice Dias da Silva; ALMEIDA, Maria Cecília Puntel de; LIMA, Cristiane Cauduro. A utilização da observação participante e da entrevista semi-estruturada na pesquisa em enfermagem. **Rev. Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 20, n. spe, p. 130-142, 1999.

MARANHÃO. **Orientações para prevenção do novo coronavírus em feira livres da agricultura familiar.** 2020. Disponível em:





<http://www.agerp.ma.gov.br/files/2020/08/ORIENTACOES-SOBRE-COVID-NAS-FEIRAS-8.pdf>. Acesso em: 10 de fev. 2020.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *et al.* **Teoria, Método e Criatividade**. 21. ed, Petrópolis, Editora Vozes, 2002.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). “OMS: O impacto da pandemia na saúde mental das pessoas já é extremamente preocupante”. 14 mai. 2020. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/oms-o-impacto-da-pandemia-na-saude-mental-das-pessoas-ja-e-extremamente-preocupante/>. Acesso em: 11 de dez. 2020.

PARTIDO SOCIALISTA BRASILEIRO (PSB). **Burocracia atrasa acesso ao auxílio emergencial para os mais pobres**. PSB cobra agilidade do governo. 2020. Disponível em: <https://www.psb40.org.br/noticias/burocracia-atrasa-acesso-ao-auxilio-emergencial-para-os-mais-pobres-psb-cobra-agilidade-do-governo/>. Acesso em: 17 de ago. 2022.

RIACHÃO DO JACUIPE. **A cidade de Riachão do Jacuípe**. Disponível em: <https://www.riachaodojacuipe.ba.gov.br/acidade.php>. Acesso em: 09 de jun. 2020.

SANTOS, Maria Liliane Ferreira. O impacto da pandemia da Covid-19 na feira-livre de Belém-PB. **Trabalho de Conclusão de Curso**, graduação em Tecnologia em Gestão Comercial, Instituto Federal da Paraíba, Guarabira, 2022.

SERVIÇO NACIONAL DE APRENDIZAGEM RURAL (SENAR). **Feiras livres: produtores apontam queda nas vendas por causa da pandemia do coronavírus**. 2020. Disponível em: <https://www.cnabrazil.org.br/noticias/feiras-livres-produtores-apontam-queda-nas-vendas-por-causa-da-pandemia-do-coronavirus>. Acesso em: 29 de out. de 2021.

SILVA, Hengrid Graciely Nascimento; OLIVEIRA, Brena Costa; CARRIAS, Francisco Maurílio da Silva. Pandemia do novo coronavírus: impactos psicossociais em trabalhadores informais. **Rev. Encantar- Educação, Cultura e Sociedade**, Bom Jesus da Lapa, v. 2, p. 1-6, 2020. DOI: <https://dx.doi.org/10.46375/encantar.v20035>.

SILVA, José Vitor. *et al.* Dificuldades encontradas pelas pessoas idosas em tempo de pandemia pela Covid-19. **Rev. Enfermagem Brasil**, v. 21, n. 3, p. 302-317, 2022. DOI: <https://doi.org/10.33233/eb.v21i3.5033>

SILVA JUNIOR, Lourival Gomes. *et al.* Educação em saúde em feira livre como estratégia de prevenção da hipertensão arterial: relato de experiência. **Rev. Eletrônica Gestão & Saúde**, v. 6, supl. 1, p. 762-769, 2015.

SILVA, Maria Inês Ayres. A importância do supervisor no processo da avaliação escolar. Rio de Janeiro, 2009. 41 p. (**Monografia**)- Especialização em administração e supervisão escolar, Universidade Candido Mendes.

SOARES, Amarílio. **Memórias de Riachão do Jacuípe**. Riachão do Jacuípe, 2014.



<b>Informações do Artigo</b>	<b>Article Information</b>
<b>Recebido em:</b> 16/11/2022	<b>Received on:</b> 11/16/2022
<b>Aceito em:</b> 13/05/2023	<b>Accepted in:</b> 05/13/2023
<b>Publicado em:</b> 19/05/2023	<b>Published on:</b> 05/19/2023
<b>Contribuições de Autoria</b> <u>Resumo:</u> Willians Henrique de Oliveira Santos, Rita da Cruz Amorim, Márcia Sandra Fernandes Santos de Lima, José Raimundo Oliveira Lima. <u>Introdução:</u> Willians Henrique de Oliveira Santos, Rita da Cruz Amorim, Márcia Sandra Fernandes Santos de Lima. <u>Referencial teórico:</u> Willians Henrique de Oliveira, Santos, Rita da Cruz Amorim, Márcia Sandra Fernandes Santos de Lima. <u>Análise de dados:</u> Willians Henrique de Oliveira Santos, Rita da Cruz Amorim, Márcia Sandra Fernandes Santos de Lima. <u>Discussão dos resultados:</u> Willians Henrique de Oliveira Santos, Rita da Cruz Amorim, Márcia Sandra Fernandes Santos de Lima. <u>Conclusão:</u> Willians Henrique de Oliveira Santos, Rita da Cruz Amorim, Márcia Sandra Fernandes Santos de Lima. Referências: Willians Henrique de Oliveira Santos, Rita da Cruz Amorim, Márcia Sandra Fernandes Santos de Lima. <u>Revisão do manuscrito:</u> Willians Henrique de Oliveira Santos, Rita da Cruz Amorim, Márcia Sandra Fernandes Santos de Lima, José Raimundo Oliveira Lima, Weslly Bernardes Oliveira. <u>Aprovação da versão final publicada:</u> Willians Henrique de Oliveira Santos	<b>Author Contributions</b> <u>Abstract:</u> Willians Henrique de Oliveira Santos, Rita da Cruz Amorim, Márcia Sandra Fernandes Santos de Lima, José Raimundo Oliveira Lima <u>Introduction:</u> Willians Henrique de Oliveira Santos, Rita da Cruz Amorim, Márcia Sandra Fernandes Santos de Lima <u>Theoretical Reference:</u> Willians Henrique de Oliveira, Santos, Rita da Cruz Amorim, Márcia Sandra Fernandes Santos de Lima <u>Data analysis:</u> Willians Henrique de Oliveira Santos, Rita da Cruz Amorim, Márcia Sandra Fernandes Santos de Lima <u>Discussion of results:</u> Willians Henrique de Oliveira Santos, Rita da Cruz Amorim, Márcia Sandra Fernandes Santos de Lima <u>Conclusion:</u> Willians Henrique de Oliveira Santos, Rita da Cruz Amorim, Márcia Sandra Fernandes Santos de Lima <u>References:</u> Willians Henrique de Oliveira Santos, Rita da Cruz Amorim, Márcia Sandra Fernandes Santos de Lima <u>Manuscript review:</u> Willians Henrique de Oliveira Santos, Rita da Cruz Amorim, Márcia Sandra Fernandes Santos de Lima, José Raimundo Oliveira Lima, Weslly Bernardes Oliveira <u>Approval of the final published version:</u> Willians Henrique de Oliveira Santos
<b>Conflitos de Interesse</b> Os autores declararam não haver nenhum conflito de interesse de ordem pessoal, comercial, acadêmico, político e financeiro referente a este manuscrito.	<b>Interest conflicts</b> The authors declare that there is no personal, commercial, academic, political or financial conflict of interest regarding this manuscript.
<b>Como Citar este artigo – ABNT</b> SANTOS, Willians Henrique de Oliveira et al. Práticas de cuidado de feirantes frente à pandemia da covid-19 na cidade de Riachão do Jacuípe, Bahia. <b>Revista Macambira</b> , Serrinha (BA), v. 7, n. 1, e071004, jan./dez., 2023. <a href="https://doi.org/10.35642/rm.v7i1.735">https://doi.org/10.35642/rm.v7i1.735</a>	<b>How to cite this article - ABNT</b> SANTOS, Willians Henrique de Oliveira et al. Marketer's care practices against the covid-19 pandemic in the city of Riachão do Jacuípe, Bahia. <b>Revista Macambira</b> , Serrinha (BA), v. 7, n. 1, e071004, jan./dez., 2023. <a href="https://doi.org/10.35642/rm.v7i1.735">https://doi.org/10.35642/rm.v7i1.735</a>
<b>Licença de Uso</b> A Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional (CC BY4.0). Esta licença permite compartilhar, copiar, redistribuir o manuscrito em qualquer meio ou formato. Além disso, permite adaptar, remixar, transformar e construir sobre o material, mesmo que comercialmente, desde que seja atribuído o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico.	<b>Use license</b> The Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International License (CC BY4.0). This license allows sharing, copying, redistributing the manuscript in any medium or format. In addition, it allows adapting, remixing, transforming and building on the material, even commercially, as long as due credit for authorship and initial publication in this journal is attributed.